

O estatuto do fônico na fronteira entre línguas*

Luiza Milano Surreaux¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

Resumen

El presente trabajo busca investigar el lugar del aspecto fónico de la lengua en el proceso de adquisición de lengua extranjera. En nuestro recorrido, volvimos a visitar el legado del maestro ginebrino Ferdinand de Saussure, partiendo del clásico libro *Curso de Lingüística General* y del manuscrito *De la double essence du langage*. Buscaremos contextualizar la formulación jakobsoniana sobre la relación entre sonido y sentido, a partir del legado saussuriano, destacando la forma como el hablante organiza el sistema fónico en el proceso de adquisición de lenguaje. Por fin, cuando acompañemos la reflexión de Heller-Roazen y de Cristóforo Silva respecto de la adquisición de lengua extranjera,

Abstract

This study aims at investigating the status of the language [*langue*] phonic aspect on foreign language acquisition processes. In our journey, we revisit the legacy of the Genevan master Ferdinand de Saussure, by starting from the classic *Course in General Linguistics* as well as the manuscript *De la double essence du langage*. Furthermore, we seek to contextualize the jakobsonian formulation on the relationship between sound and sense on the saussurean legacy, thus highlighting how the speaker organizes the phonic system in the language acquisition process. Finally, as we follow Heller-Roazen's and Cristóforo Silva's thoughts regarding the foreign language acquisition, we

* **Phonic status concerning language borders - El estatuto fónico en la frontera entre lenguas**

Recibido: 30 de junio de 2017 - *Aprobado:* 30 de agosto de 2017

O presente artigo é uma versão revisada e modificada do texto "Aquisição ou esquecimento: sobre a relação do falante com o aspecto fônico das línguas" (Milano, 2017, no prelo).

¹ Doctora en Estudios del Lenguaje en la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil). Profesora del Departamento de Letras Clásicas y Vernáculos de Universidade Federal do Rio Grande do Sul. e-mail: luizamilos@gmail.com

señalaremos nuestra hipótesis sobre cómo la condición para convertirse en hablante de una lengua extranjera pasa por la experiencia de la producción y percepción de sonidos en la lengua materna.

present our assumption on the status to become speaker of a foreign language: it involves the experience of both producing and perceiving sounds in mother tongue.

Palabras clave: apropiación, olvido, fónico, lengua extranjera.

Keywords: appropriation, oblivion, phonic, foreign language.

Introdução

Este trabalho busca discutir o estatuto do aspecto fônico da língua no contexto de fronteira entre línguas. Mais especificamente, a reflexão que ora empreendemos nasce no instigante fenômeno observado nas tentativas de um falante de uma dada língua aventurar-se na produção oral de outro idioma. Para tanto, apontamos, a seguir, algumas questões que nos acompanharão ao longo da presente reflexão: como “adquirimos” sons que não pertencem a nosso inventário fonético? De que forma os segmentos fonéticos e fonológicos de nossa língua materna facilitam ou complexificam a “aquisição” de uma língua estrangeira? A “aquisição” de uma segunda (terceira, quarta ou outras tantas) língua(s) demanda do falante/ouvinte que tipo de capacidades perceptivas e/ou expressivas?

A partir dos questionamentos acima apontados, evocaremos importantes estudos que servirão de base para nossa reflexão. Inicialmente, buscaremos em Ferdinand de Saussure (1974) e em Roman Jakobson (1978) o alicerce de nosso percurso. Após a construção de nosso ponto de apoio, apontaremos estudos contemporâneos nos quais encontramos eco a nossas inquietações e instigantes buscas por encaminhamentos. O leitor perceberá tratar-se de um estudo em desenvolvimento. Compartilhamos, pois, nossas desacomodações.

Os aportes saussurianos acerca do fônico

Começamos com as reflexões do mestre genebrino Ferdinand de Saussure e suas considerações acerca do aspecto fônico da língua. Em primeiro lugar, cabe destacar que o estudo do fônico em Saussure não raras vezes foi menosprezado ou ignorado nas leituras do legado do autor. No entanto, sublinhamos o importante fato de os editores

Bally e Sechehaye (Saussure, 1974) inseriram na obra póstuma *Curso de Linguística Geral* um capítulo sobre Fonologia e um apêndice sobre esse mesmo tema. Designado como fonologia, esse foi um dos principais temas abordados por Ferdinand de Saussure em seu primeiro curso de linguística geral, ministrado de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907, na Universidade de Genebra. Vejamos as palavras de Bally e Sechehaye, organizadores da obra, em parágrafo que dá início ao apêndice “Princípios de Fonologia”:

Para esta parte, podemos utilizar a reprodução estenográfica de três conferências feitas por F. de S. em 1897 sobre *A Teoria da Sílabas*, onde toca também nos princípios gerais do primeiro capítulo; além disso, uma boa parte de suas notas pessoais se refere à Fonologia; em muitos pontos, esclarecem e completam os dados ministrados pelos cursos I e II [*Org.*]. (Saussure, 1974: 49, grifos do autor).

Além do aspecto terminológico acerca da diferenciação² entre Fonética e Fonologia nos estudos do mestre genebrino, cabe destacar as oscilações, no *Curso de Linguística Geral*, quanto ao aspecto material da imagem acústica. Tratamos de trazer à tona essas oscilações³, visto que isso é constitutivo da leitura que fazemos da obra e dos referidos conceitos.

Vejamos, então, passagens da obra do mestre genebrino, partindo do clássico livro *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG*). Lembramos que, ao nos apresentar o signo linguístico, Saussure propõe concebê-lo como uma entidade psíquica de duas faces. Ao fazer referência à imagem acústica, o mestre aponta: “Esta [a imagem acústica] não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos.” (Saussure, 80).

Parece-nos importante ressaltar a imagem acústica não como puro som material, mas como a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dão testemunho nossos sentidos. É nessa perspectiva que já antecipamos a interpretação que fazemos do

² Em uma primeira leitura do lugar do fônico na obra saussuriana, pode-se distinguir fonética –estudo histórico dos sons– de fonología –estudo da fonação ou da articulação dos sons. Analisamos detalhadamente as diferenças entre os conceitos de fonética e fonologia no legado saussuriano em Milano (2016).

³ Não é objeto deste estudo o detalhamento das oscilações da noção de significante enquanto fônico ou não fônico na obra saussuriana. Fazemos uma leitura pormenorizada desse aspecto em Milano (2013).

legado saussuriano, ao pensarmos na relação entre o sujeito e a língua (ou *as línguas*). A produção do repertório fonêmico de uma dada língua está fortemente atrelada à possibilidade que o falante tem de se colocar sob efeito dela. Ou seja, lidar com o som como realização material, como “coisa puramente física”, passa necessariamente pela capacidade de representação desse som enquanto unidade que clama por sentido. É em seu potencial aspecto físico que a impressão (e a representação) psíquica se ancora. No entanto, cabe ressaltar que se não houver laço significante-significado, a pura porção fônica não sustenta significação, ou seja, resta como uma massa indistinta de sons.

Assim, considerando que “[...] o significante, sendo de natureza auditiva [...]” (84) encarrega-se de sustentar a “[...] transmissão fisiológica da imagem acústica [...]” (19), é possível pensar que a noção de sistema em Saussure pressupõe um “[...] mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas [as do sistema] combinações [...]” (22). Pode-se dizer, portanto, que a porção material do aspecto fônico do signo linguístico se constata a partir de um mecanismo psicofísico, cuja transmissão fisiológica é de natureza auditiva.

Inevitavelmente, deriva daí a interdependência entre produção e percepção: no texto do *CLG*, conforme veremos a seguir, é enfatizada a preponderância do aspecto contrastivo. Ou seja, a porção material conta muito mais pelo fato de produzir diferenças (e oposições) do que propriamente pela materialidade fônica que carrega em si. Acompanhemos a explanação:

Não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica, em nada se esclareceu o problema da língua. Esta constitui um sistema baseado na oposição psíquica dessas impressões acústicas, do mesmo modo que um tapete é uma obra de arte produzida pela oposição visual de fios de cores diferentes; ora, o que importa, para a análise, é o jogo dessas oposições e não os processos pelos quais as cores foram obtidas. (43).

Pode-se acompanhar nessa passagem a concepção através da qual o aspecto fônico da língua é o responsável material por produzir diferença e oposição dentro de um sistema. Diríamos que é necessário que o significante seja formatado com recorte material

para que entre os significantes, e entre significante e significado, se possa estabelecer diferenças e oposições.

Além dos recortes extraídos do *CLG*, temos outras pistas que nos levam ao cerne da reflexão acerca do fônico em Saussure no manuscrito editado por René Amacker (Saussure, 2011), *De la double essence du langage* (doravante *DE*). Vejamos como a abordagem do aspecto fônico aparece no manuscrito *DE*:

A presença de um som em uma língua é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura. É fácil mostrar que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua. (Saussure, 2011: 127, grifos do autor, tradução nossa).

Nessa bela passagem dos manuscritos de Saussure constatamos o quanto esteve sempre presente no pensamento do genebrino o aspecto fônico da(s) língua(s) como suporte para a construção da concepção de sistema. O valor de um elemento no sistema está, desde sempre, ancorado nas relações que ele estabelece com os demais elementos. E, em se tratando de um *estado de língua*, essas relações dependerão da materialidade fônica para compor unidades que sejam passíveis de identificação e oposição. Um som (/p/, por exemplo) é o que o outro não é (/m/, por exemplo).

Maria Pia Marchese realiza uma importante retomada da forma com que Saussure constrói a definição de fonema no manuscrito *Phonétique* (Marchese, 2009). A pesquisadora italiana destaca que as tentativas de definição da noção de fonema por parte do mestre genebrino são fortemente marcadas por critérios de negatividade, visto que aí já se podem perceber importantes indícios da construção dos princípios da teoria do valor na obra saussuriana. Conforme destaca essa autora, os conceitos de oposição, valor e diferença, enquadrados em uma perspectiva de negatividade, apontam diretamente para uma célebre passagem do *CLG*: “[...] na língua só existem diferenças [...]” (Saussure, 1974: 139). Prova disso também encontramos ainda mais explicitada na seguinte passagem: “[...] os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas [...]” (138). Eis aí uma consideração significativa do sistema fônico como organizador da lógica pautada pela teoria do valor, o que, como

sabemos, produziu significativos efeitos nos trabalhos vanguardistas do Círculo Linguístico de Praga.

Jakobson e a herança saussuriana

Roman Jakobson, em *Seis lições sobre o som e o sentido* (1977), destaca que foi justamente no aspecto significativo da fonologia –o som concebido como significante– que os herdeiros de Saussure tiveram razão em investir.

Nos textos que documentam a fundação do Círculo Linguístico de Praga, encontramos depoimentos explícitos sobre o importante papel que o recém lançado *Curso de Linguística Geral* teve nas reflexões, na época bastante embrionárias, dos teóricos de Praga. É a partir do registro das importantes “Teses de 29” –documento fundador do Círculo Linguístico de Praga e da fonologia, fruto do encontro de linguistas, filósofos e escritores eslavistas, entre tantos pensadores de uma vanguarda que reunia ciência e arte, que encontraremos rastros da herança saussuriana. Foi no calor das incitantes discussões do Círculo da Praga, nos anos finais da década de 1920, que Jakobson e Trubetzkoy, bastante influenciados pela recente publicação do *Curso de Linguística Geral*, traçaram as primeiras e importantes diretrizes daquilo que hoje conhecemos como a fonologia moderna. É nas próprias palavras de Roman Jakobson que encontramos o reconhecimento da filiação saussuriana: “É certo que a Escola de Praga levou também em conta a experiência da linguística ocidental: os trabalhos da Escola de Genebra [...]” (Jakobson, 1978: 24-25).

Para Jakobson, Saussure percebeu que a par do fato empírico –a fala individual– existe a esfera da ordem do social –a língua–. Nesse sentido, Jakobson propõe que se olhe para esse sistema de valores relativos que é a língua através de um ponto de vista funcional. É a partir desse princípio que o linguista russo sugere a análise dos sons da linguagem visando sua função comunicativa (independentemente do tipo de situação enunciativa, os sons são emitidos para “comunicar algo”). Os sons têm uma finalidade e as inúmeras diferenças (inclusive fonéticas) que aparecem na fala não possuem todas a mesma função e o mesmo grau de importância. Por este motivo, as diferenças ganham relevo na proposta jakobsoniana: as oposições são capazes de distinguir, em determinada língua, os significados. Jakobson retoma claramente essa ideia nas aulas sobre som e sentido que proferiu na École Libre des Hautes Études, no início da década de 1940, em Nova Iorque. Segundo o autor, Saussure ensina-nos que aquilo que interessa na palavra não é o som em si,

mas as diferenças fônicas que permitem distinguir uma palavra das demais, pois são estas diferenças que comportam a significação. Jakobson destaca que o *CLG* lança a fórmula que mais tarde viria a ficar célebre: “Os fonemas são antes do mais entidades opositivas, relativas e negativas” (Saussure, 1974: 138). O linguista russo lembra ainda (Jakobson, 1977: 44) que Saussure chega a afirmar que o sistema destes fonemas claramente diferenciado, *o sistema fonológico*, como ele o designa, é a única realidade que interessa ao linguista no domínio fônico. E um pouco mais adiante aponta:

E apesar das numerosas contradições da doutrina de Saussure é a ele e à sua escola que devemos a segunda noção essencial para o estudo funcional dos sons, a noção das relações entre os fonemas, numa palavra, a noção de *sistema fonológico*. (Jakobson, 1977: 44, grifos do autor).

Vemos, então, que Jakobson, seguindo a trilha saussuriana⁴, aponta que o signo linguístico necessita ser concebido como uma entidade concreta da língua para que seja passível de produzir identidade: se um signo é o que os outros não são, é necessário buscar uma pista na realidade concreta desse signo para que se possa identificá-lo como pertencente a uma dada língua e opô-lo a todos os demais signos dessa língua. Essa ideia fundamental que explica a organização do sistema fônico das línguas vemos, portanto, que Jakobson vai buscar em Saussure.

Após a contextualização da forma como interpretamos a organização do sistema fônico da(s) língua(s), parece-nos importante ver como Jakobson vislumbra a realização do emaranhado de sons que se apresenta a um potencial falante de dada língua. O que queremos destacar é que a forma com que a coletividade recorta e faz uso da massa de sons e sentidos que encontra à sua disposição é o que caracteriza uma língua. Com esse gesto estamos tentando responder à pergunta acerca de como o falante se apropria de um conjunto de sons específicos de sua língua (frente à multiplicidade de sons que seu aparelho fonador é capaz de executar). Vamos, então,

⁴ Não negamos o conhecimento das críticas que Jakobson faz à separação operada por Saussure entre sincronia e diacronia e à questão da linearidade do significante, mas esse não é o foco do presente estudo. Apenas cabe dizer que as pesquisas em fontes manuscritas saussurianas contemporâneas mostram que a separação entre sincronia e diacronia é basicamente metodológica. Obviamente, Saussure não negligenciava a implicação entre essas duas perspectivas de língua. Quanto ao aspecto linear do significante, também se pode encontrar em fontes manuscritas do mestre genebrino (Saussure, 2011) apontamentos que mostram a possibilidade de constituir significação na simultaneidade.

recorrer a outro instigante texto de Roman Jakobson para buscar esclarecimentos.

Jakobson, em *Por que “mama” e “papa”?*⁵, convida-nos a pensar na natureza heterogênea da produção das primeiras palavras de uma criança. É no momento de passagem do balbucio às primeiras palavras que a capacidade de simbolizar habilita a criança a tornar-se falante de uma dada língua. O autor retoma a pesquisa do antropólogo americano George Peter Murdock, na qual se destacam as “coincidências fonêmicas” entre as formas de nomear as figuras parentais em línguas de raízes muito diversas. Ao fazer a discussão por um viés fonemático, Jakobson destaca o fato de o acervo de fonemas esboçados nas primeiras tentativas de nomear “mãe” e “pai” ser “severamente limitado” (Jakobson, 1967: 77). Isso parece indicar que o repertório fonêmico presente nas primeiras palavras –ligadas às figuras parentais– das diferentes línguas não varia muito. Há indícios desse fenômeno em diversos aspectos dos primeiros estágios da linguagem infantil: sílabas formadas por consoante e vogal (seguindo o princípio do contraste máximo), ausência de sílaba com estrutura complexa como grupo consonantal, ausência de sílabas com raízes puramente vocálicas, predomínio de oclusivas e nasais, incidência de reduplicação silábica (78-79).

Frente à hipótese de que a criança é capaz de produzir qualquer som de qualquer língua do mundo, cumpre retornar a nossas perguntas iniciais: como “adquirimos” sons que não pertencem a nosso inventário fonético? De que forma os segmentos fonéticos e fonológicos de nossa língua materna facilitam ou complexificam a “aquisição” de uma língua estrangeira? A “aquisição” de uma segunda (terceira, quarta ou outras tantas) língua(s) demanda do falante/ouvinte que tipo de capacidades perceptivas e/ou expressivas? É chegado o momento de encaminharmos uma tentativa de resposta.

A organização de um sistema fônico

Para responder à primeira pergunta acima apontada, evocamos o estudo de Jakobson sobre a aquisição das primeiras palavras. A passagem da fase do balbucio para a fase em que realmente o som passa a ter um valor fonêmico é marcada por uma grande perda da habilidade de produzir sons. Conforme já apontamos em outra ocasião (Milano & Flores, 2015), a criança deixa de ser um poliglota,

⁵ Texto originalmente escrito em inglês, em 1959, para *Perspectives in Psychological Theory*, New York, e publicado em 1960. Utilizamos para leitura a versão brasileira (Jakobson, 1967).

do ponto de vista articulatório, para começar a ser o falante de uma dada língua, do ponto de vista fonológico. A criança passa a ter de reconhecer as oposições fonológicas e, mais adiante, as consequentes diferenciações que há no significado das palavras, bem como passa a ter a capacidade de guardá-las na memória para reproduzi-las. A partir disso, conforme ensina Jakobson (1967), encontra-se em formação um sistema fonêmico. Ou seja, aqueles sons que se encontram em condições de serem alçados ao *status* de fonema de uma dada língua habilitam a criança a produzir as primeiras palavras. Foi justamente nesse momento (mítico) que perdemos todos a habilidade de produzir aquela enorme variedade de sons (todos os sons de todas as línguas do mundo). É o preço que pagamos para nos tornarmos falantes de nossa língua materna. É nesse ponto preciso que damos passagem ao interessante estudo de Heller-Roazen. Acompanhamos o pesquisador e ensaísta canadense Daniel Heller-Roazen (2010)⁶ ao destacar que, a partir do desaparecimento do balbucio, nascem uma língua e um falante. Ou seja, para a criança se tornar falante de uma determinada língua, é necessário deixar de utilizar muitas das consoantes e vogais que emitia antes, sendo natural que, ao abandonar os sons não pertencentes à língua que está adquirindo, logo se *esqueça* de como são produzidos. Acompanhemos as palavras do autor,

Talvez o bebê deva esquecer a série infinita de sons que outrora produzia no “ápice do balbucio” para conseguir dominar o sistema finito de consoantes e vogais que caracteriza uma língua determinada. Talvez a perda de um arsenal fonético ilimitado seja o preço que a criança deve pagar para obter os documentos que concedem cidadania na comunidade de uma língua específica. (Heller-Roazen, 2010: 9).

Segundo Heller-Roazen, é necessário operar um *esquecimento*, pois “[...] quando a criança começa a falar uma língua única, ela obviamente não tem o que fazer com todas as consoantes e vogais que emitia antes [...]” (8). A partir da reflexão desse autor deparamo-nos com o fato de que para falarmos uma língua –nossa língua materna– precisamos operar um *esquecimento*, um recalque de todos os sons que não pertencem a essa língua e suas possíveis formas de estabelecer relação com outros tantos sons. Podemos inferir que o que se passa em relação a apropriação de uma outra língua é menos um processo de “aquisição” do que um gesto de

⁶ Texto originalmente publicado em 2005, em inglês, sob o título *Echolalias: On the forgetting of language*. As passagens apontadas são oriundas da tradução brasileira, de 2010.

“rememoração”. Teríamos algo como um “levantamento do recalque” produzido quando nos tornamos falantes de nossa primeira língua. Não se trata, portanto, de “aprender” novos sons, mas de resgatar o que nos era disponível antes do *esquecimento* que um dia foi necessário empreender. E a viabilização desse resgate, do ponto de vista fônico, parece não ter outra saída senão pelo viés de nossa língua materna. Tentaremos mostrar como isso se torna possível, ao respondermos à segunda questão anteriormente levantada: De que forma os segmentos fonéticos e fonológicos de nossa língua materna facilitam ou complexificam a “aquisição” de uma língua estrangeira?

A organização de um segundo sistema fônico

Para encaminharmos a reflexão sobre o processo de aquisição do aspecto fônico de uma segunda língua, será importante resgatarmos o caráter fundante que a organização do sistema fônico de nossa língua materna tem nesse processo. Nesse ponto, acompanhamos a contribuição extremamente original de Cristóforo-Silva (2007). Essa importante pesquisadora da fonética e fonologia do português brasileiro, em um texto sobre aquisição fônica de língua estrangeira, nos aponta o caminho. Segundo essa autora, “[...] a construção do sistema sonoro de uma língua estrangeira é baseada, primordialmente, no sistema sonoro da língua materna e tem interferência direta deste [...]” (Cristóforo-Silva, 2007: 81). De forma muito instigante, Cristóforo-Silva dilui o peso que recai sobre o aprendiz de língua estrangeira no que diz respeito à sensação de incompetência frente à fluência em uma segunda (ou terceira, etc) língua. A autora (78) é clara ao dizer que, no ensino de língua estrangeira, os sons equivalentes nas duas línguas (materna e estrangeira) devem ter explicitadas ao aprendiz as suas particularidades fonéticas específicas. Por outro lado, complementa a linguista, os sons novos na língua-alvo devem ser categorizados a partir de sons já conhecidos na língua materna. Tivemos oportunidade de constatar essa realidade em um estudo sobre a apropriação do francês como língua estrangeira (cf. Milano & Gomes, 2013). Também em nosso estudo, verificamos que parece ser impossível, de fato, abstrair a presença da língua materna na tentativa de expressão em língua estrangeira. Deriva disso que toda tentativa de produção em língua estrangeira deva passar, necessariamente, pela primeira língua e que o advento da constituição do sujeito falante em outra língua tampouco se dará abstraído as marcas da língua materna.

Os eventuais contratempos fônicos na apropriação de uma língua estrangeira passam pelo reconhecimento de ordem física, acústica

e articulatória, em sua vertente linguística: trata-se de um sistema de signos –a língua estrangeira– sendo introduzido em outro sistema de signos já consolidado –a língua materna–. Mais do que erros, desvios ou problemas, as singulares produções daqueles que se experimentam em outra língua parecem ser, assim, fortemente marcadas pela primeira língua.

Permeados por esse conjunto de reflexões encaminhamo-nos para o final do percurso que aqui empreendemos, resgatando, finalmente, a terceira questão por nós proposta: A “aquisição” de uma segunda (terceira, quarta ou outras tantas) língua(s) demanda do falante/ouvinte que tipo de capacidades perceptivas e/ou expressivas relativas ao fônico? Acreditamos que a resposta a essa última indagação começa por, em primeiro lugar, desmistificar o processo. Ou ao menos reinterpretá-lo.

O lugar do fônico na fronteira entre línguas: encaminhamentos

Para refletirmos sobre o estatuto do aspecto fônico na fronteira entre línguas, um passo importante será constituir um ponto de vista desde o qual olhar para o fenômeno. Nesse sentido, no lugar da ideia de “aquisição” de uma língua estrangeira, sugerimos conceber o processo como *apropriação*. Vemos nessa proposta a etimologia do termo: tornar própria. Tornar própria uma língua estrangeira será sempre um processo absolutamente singular, mesmo que o façamos em parceria.

Certamente há tendências na forma com que falantes de um dado idioma apropriam-se de determinada língua (falantes nativos do português tendem a recair no mesmo tipo de “erro” ao tentar falar inglês, por exemplo). No entanto, em meio à homogeneidade de um grupo, encontraremos falantes buscando a *sua* forma de reconhecer e produzir os sons de uma outra língua. Falar um outro idioma é tornar próprio o jeito de reunir formas fônicas e sentidos, a partir da lógica de uma outra língua.

Gostaríamos também de destacar que, na reflexão que ora empreendemos, o lugar que o aspecto fônico da(s) língua(s) toma na discussão sobre apropriação de língua estrangeira merece destaque. O falante de uma dada língua começa a vislumbrar a possibilidade de falar outra língua a partir do momento em que se vê em condições de atribuir sentido às formas fônicas que passa a recortar.

Nesse processo, será necessário operar dois movimentos. O primeiro será o de buscar analogias entre sua língua materna e a língua-alvo. Não há como apagar sua condição de falante de sua própria língua e acreditamos que é justamente a partir dela que ele poderá reconhecer pontos comuns que o habilitam ao desafio. O segundo movimento é ligado ao que chamamos de “levantamento do recalque” que foi efetuado ao final do período do balbucio. Aventurar-se a falar uma língua estrangeira é reencontrar sons “esquecidos” desde os tempos do balbucio, é experimentarmos expor nosso ouvido e nosso aparelho fonador a *alguns* sons de *uma* determinada língua do mundo.

Lidar com esses desafios parece-nos, pois, tarefa dos linguistas que se ocupam do aspecto fônico da língua. Igualmente aos professores de língua estrangeira cabe perguntarem-se sobre como dar um justo lugar ao aspecto sonoro da língua, ao acompanharem o processo de apropriação de língua estrangeira por falantes sempre tão singulares. Se é sob o efeito dos sons de nossa língua materna que nos tornamos falantes “nativos”, será a partir dela que poderemos nos apropriar dos efeitos do som e do sentido de uma língua que, embora jamais possamos chamar de materna, abrirá novas e surpreendentes possibilidades de negociação entre o fônico e sentido estender fronteiras em nossas possibilidades simbólicas.

Bibliografia

- Cristófaros-Silva, T. (2007). “O ensino de pronúncia de língua estrangeira”. In Fonseca-Silva, V. P & Cardoso Lessa-De-Oliveira, A. S. (Org.) *Em torno da língua(gem): questões e análises*. Vitória da Conquista: Edições Uesb.
- Heller-Roazen, D. (2010). *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. [Tradução de Fabio Akcelrud Durão]. Campinas: Ed. da Unicamp.
- Jakobson, R. (1967). “Por que ‘mama’ e ‘papa’?” In *Fonema e fonologia*. [Tradução de Joaquin Mattoso Câmara Junior]. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- _____. (1977). *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa: Moraes Editores.
- _____. (1978). “A Escola Lingüística de Praga”. In Toledo, D. (Org.). *Círculo lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo.
- _____. (1978). “A transformação poética: o Círculo de Praga visto pelo Círculo de Copenhague”. In Toledo, D. (Org.). *Círculo lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo.
- Marchese, M. P. (Ed.). (2009). “Les manuscrits saussuriens sur la phonétique, du Mémoire au Cours de linguistique générale”, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, n^o. 62, pp. 47-61.

- Milano, L. (2015). "Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no *Curso de Linguística Geral*", *Eutomia*, vol. XVI, nº 1, pp. 245-258: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1945/pdf>
- _____. (2013). "O rastro do som em Saussure", *Nonada: Letras em Revista*, vol. I, nº 20, pp. 285-295: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/view/688/461>
- _____. (2017). *Aquisição ou esquecimento: sobre a relação do falante com o aspecto fônico das línguas*. Porto Alegre. (No prelo).
- _____. & Flores, Valdir, N. "Do balbucio às primeiras palavras: continuidade e descontinuidade no devir de um falante", *Letras de Hoje*, vol. LIX, nº 1 (Jan-Mar), pp. 64-72: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/18393>
- _____. & Gomes, J. (2013). "Ser sujeito em língua estrangeira: uma constituição possível?", *Non Plus*, nº 3, pp. 68-81: <http://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/49771/83600>
- Saussure, F. (1974). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- _____. (2004). *Escritos de Linguística Geral*. [Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler]. São Paulo: Cultrix.
- _____. (1995). *Phonétique: Il manoscritto di Harvard Houghton Library* [Edizione a cura de Maria Pia Marchese]. Padoue: Unipress.

